



DOI 10.5216/ag.v4i9.9390

CERRADO E TERRITÓRIO: conflitos socioespaciais na apropriação da Biodiversidade – os povos indígenas Karajás, Aruanã-Go¹.

CERRADO AND TERRITORY: sociospatial conflicts in appropriation of the biodiversity – the Indian people Karajás, Aruanã – Go.

CERRADO Y TERRITORIO: socioespacial conflicto en la apropiación de la diversidad biológica – el pueblo indígena Karajás, Aruanã – Go.

Eguimar Felício Chaveiro

Prof. Doutor do Instituto de Estudos Sócio-ambientais/ Universidade Federal de Goiás.
Vice-coordenador do LABOTER – Laboratório de Estudos e Dinâmicas Territoriais.
Universidade Federal de Goiás - UFG – Brasil
Campus Samambaia Caixa Postal 131.
Goiânia – GO
eguimar@hotmail.com

Resumo

A inserção desigual das áreas de Cerrado no jogo da economia nacional e internacional tem alterado o gradiente natural de seus ambientes e os modos de vida de seus povos. Essas mudanças intercedem nos territórios indígenas, criando um cenário de disputa territorial que atinge a vida dos Povos Karajá, de Aruanã-Go - objeto do presente artigo. Cabe então perguntar: como os povos Karajá desenvolvem a apropriação da biodiversidade do Cerrado imerso nesses conflitos? A pesquisa realizada contou com vários dispositivos e procedimentos teórico-metodológicos, e, mais precisamente, apoiou-se no que se tem denominado Abordagem Territorial. A ação qualitativa utilizada na realização do trabalho intentou aglutinar os componentes socioeconômicos aos socioculturais e simbólicos, de maneira a captar a força imperativa da economia capitalista e a ação resistente da cultura Karajá nos interstícios dessa economia, logrando, como resultado, isso: os povos Karajá internalizam em suas relações com o

¹ Este artigo resulta do projeto de pesquisa: Biotecnologia e a Gestão Participativa da Biodiversidade: Estudos de Caso de Instituições, Conhecimento Popular e Saberes Locais no Cerrado Brasileiro, apoio do Institut de Recherche et Developpement – IRD (França) e do projeto: Apropriação do território e dinâmicas socioambientais no Cerrado: biodiversidade, biotecnologia e saberes locais, com recursos financeiros do CNPq.



lugar e consigo mesmos, os conflitos externos em forma de mudança de hábitos alimentares, lazer, trabalho, moradia etc. Mas agem para criar alternativas que, dentro do conflito, vislumbrem a sobrevivência de suas tradições e de seus afetos.

Palavras-chave: biodiversidade, povos indígenas, conflitos territoriais, Cerrado goiano.

Abstract

The unequal insertion of the Cerrado area in the scenario of the national and international economy has modified the natural gradient of its environment and the way of life of local peoples. These changes intervene in the indigenous territories and create territorial disputes that affect the life of the Karaja people in the Aruanã region, Goiás state, the research object of this article. Then, the question arises: how can the Karajá people develop the appropriation of biodiversity of the Cerrado areas immersed in these conflicts? The survey relied on multiple tools and theoretical-methodological procedures, and it was particularly supported by the Territorial Approach. The qualitative orientation used in this work aimed at agglutinating the sociocultural components in relation to socioeconomic and symbolic ones in order to understand the imperative forces of the capitalist economy over a resistant Karajá culture within the interstices of this economy. The findings show that the external conflicts are internalized by the Karaja people regarding their relation to place and to themselves, and the most conspicuous aspect of it is a change in the dietary habits, leisure, work, housing, etc. Notwithstanding, the Karaja people seek to create alternatives that can keep the survival of their traditions and mindset.

Keywords: biodiversity, indigenous people, territorial conflicts, Cerrado Goiano.

Resumen

La inserción desigual de las áreas del Cerrado en el juego de la economía nacional e internacional ha alterado el gradiente natural del ambiente y el modo de vida del pueblo local. Esas transformaciones interfieren en los territorios indígenas, creando un escenario de disputa territorial que afecta la vida del pueblo Karajá que vive en Aruanã, provincia de Goiás, el objeto de investigación de este artículo. Así, se pregunta ¿cómo el pueblo Karajá obtiene la apropiación de la diversidad biológica del Cerrado inmerso en ese conflicto? La investigación realizada se sirve de varios dispositivos y procedimientos teóricos y metodológicos, más precisamente, del Abordaje Territorial. La acción cualitativa utilizada en el trabajo buscó aglutinar el componente socioeconómico al sociocultural y simbólico de manera que se pudiera comprender la fuerza imperativa de la economía capitalista y la acción resistente de la cultura Karajá en los intersticios de esa economía. La investigación indica que el pueblo Karajá internaliza el conflicto externo en sus relaciones con el lugar y consigo mismo, resultando en un cambio de hábito de alimentación, ocio, trabajo, vivienda, etc. Sin embargo, el pueblo Karajá busca crear alternativas que, mismo ante el conflicto, vislumbre la supervivencia de sus tradiciones y de sus valores.

Palabras clave: diversidad biológica, pueblos indígenas, conflicto territorial, Cerrado goiano.

Introdução

A história do universo está escrita nos céus

Marcelo Gleiser.

Em se tratando do tema em questão poder-se-ia parafrasear Gleiser (1994, p, 45): a história dos índios Karajá está escrita nas águas. A paráfrase pode se alongar: a história das águas da América Latina está escrita no Cerrado. Ou: a história do Cerrado escreve uma imensa biodiversidade que é, hoje, disputada por diferentes atores.

Convém assinalar que a realização da pesquisa tem juntado forças e experiências que acumulam vozes e interlocuções com outros pesquisadores advindos da produção geográfica brasileira recente. Essa abertura de perspectiva intenta robustecer uma interpretação geográfica do Cerrado, tendo como fundamento a Abordagem Territorial e como enfrentamento a ação de seus sujeitos.

No caso específico deste trabalho – e de outros que acompanham o viés teórico-metodológico deste –, a ênfase da pesquisa e da reflexão recai em outro dispositivo: emanamos esforços para correlacionar a interpretação territorial do Cerrado tomando como prisma a Biodiversidade e o modo pelo qual os povos indígenas do Cerrado goiano constroem a sua vida implicando-a em cenários de conflitos pela sua apropriação.

Isto quer dizer que a quantidade de espécies e o seu rico patrimônio genético, espacializados nas diferentes fitofisionomias do Cerrado, passam a ter sentido de acordo com as intenções dos sujeitos que, com o seu saber advindo de sua cultura, fazem usos e desdobram dos usos a construção de sua vida como ingrediente da construção do território.

Por ser assim, a dimensão histórica da vida dos sujeitos implementa o conjunto de ações que constrói os territórios. Trata-se de conceber que o modo desigual com que o território goiano é construído implica na maneira pela qual a diversidade biológica e genética sofre maiores ou menores pressões pelo processo de uso.

Cabe, pois, corroborar o que tem sido feito por Barbosa (2008), ao assinalar que os povos indígenas são a matriz socioespacial do Cerrado. Por isso se traduzem como os principais protagonistas que erigiram, com a sua vivência, os primeiros saberes

de plantas, águas, assim como os valores de vida da biodiversidade deste bioma-território.

Ora, essa afirmação exige que se compreenda que, até há pouco tempo atrás, em torno de três a quatro décadas anteriores, o Cerrado era visto como bioma de pouca eficiência econômica, donde a discussão da sua biodiversidade era quase totalmente negada. E, notadamente a partir da década de 1970, comandado por um processo efusivo de modernização territorial e da agricultura, se tem colocado como terra promissora e território importante para a construção de riquezas.

No seio dessa contradição – um bioma negado e logo exaurido – pelo olhar do critério da rentabilidade econômica do território, é que dispomos a interpretar o Cerrado além de uma leitura calcada apenas como natureza que compõe um Bioma, classificado por meio dos conceitos de fitofisionomia e ecossistema. Da mesma maneira, a interpretação de sua biodiversidade exige que se ultrapasse apenas o pleito da configuração de suas espécies ou da qualidade genética da diversidade biológica de cada fitofisionomia.

Uma interpretação territorial do Cerrado e da biodiversidade, ao incluir a plataforma de seus sujeitos, de suas ações, intenções e significados; as suas estratégias e as suas relações com a cultura que os constitui, nos faz aproximar da idéia de “natureza culturalizada” defendida por Almeida (2005), uma vez que os sujeitos ao praticarem táticas de vida agem elevando a sua cultura, seus valores, seus saberes, seus sabores para o uso da natureza. Mas isso não ocorre fora dos contextos históricos próprios de cada região ou lugar.

Pode-se dizer que o tempo do mundo se especifica no lugar onde a vivência do sujeito culturaliza a natureza e constrói territórios. Como isso é feito também por sujeitos de diferentes intenções, os territórios são edificados em disputas. Nasce aqui o problema do trabalho: como os Karajá, povo de rica tradição identitária, constrói o seu território no contexto do lugar em que vive neste tempo do mundo? Dessa indagação surge outra mais específica: como os povos indígenas Karajá desenvolvem a gestão do Cerrado apropriando-se de sua biodiversidade imersos nas contradições territoriais por onde desenvolvem a sua vida?

Para a execução do trabalho, contamos com uma rica discussão teórica feita em colóquios, estudos de grupos, trabalhos de campo, seminários coletivos, participação em

eventos nacionais e internacionais, orientações de pós-graduação, realização de entrevistas, organização de questionários, visitas à prefeituras e a outras instituições públicas, elaboração de teleconferências. O trabalho contou com a interlocução com outras frentes de pesquisa de proximidade com essa, mas com independência. Isso permitiu efetivar um esclarecimento de posições².

A biodiversidade do Cerrado sob a interpretação territorial

Trabalhos recentes desenvolvidos por Almeida (2005) e Gomes (2008)³ destacam que o Cerrado é um bioma que se desdobra em vários ambientes. Esses ambientes podem ser classificados por meio de suas fitofisionomias, em que, respectivamente, aglutinam relações e interrelações próprias entre solo, relevo, clima e vegetação. Cada uma das fitofisionomias é formada por tipos e quantidades de espécies de fauna e flora. Por conseguinte, a biodiversidade do Cerrado, nesta perspectiva, agrega as espécies; a diversidade biológica ou genética e os ecossistemas. Esses três componentes efetivam as denominadas “paisagens naturais” ou os ambientes do Cerrado. Vejamos (figura 01):

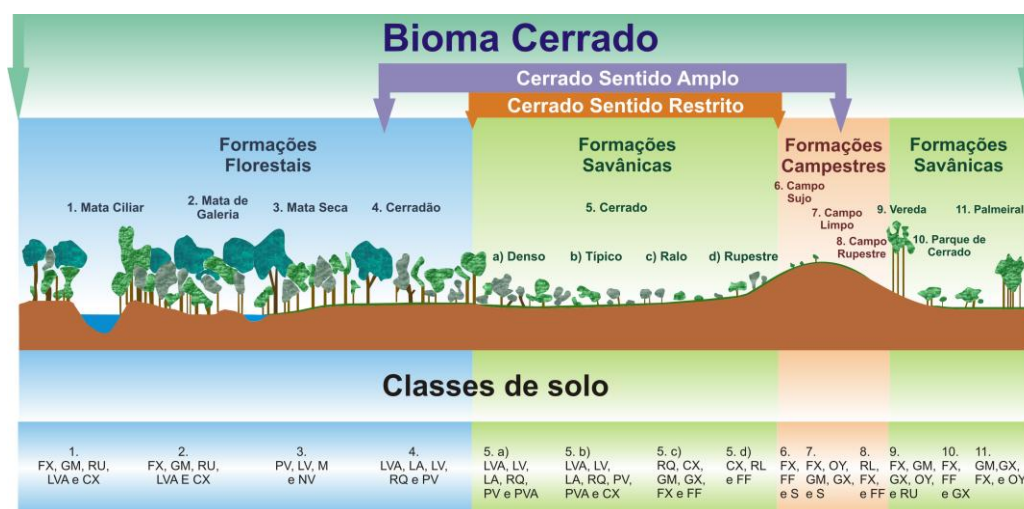


Figura 01: As 11 fitofisionomias do bioma Cerrado e sua relação com os solos.

Fonte: Adaptado de Ribeiro e Walter (2008).

² Houve ainda a contribuição de pesquisadores do LAPIG (Laboratório de Geoprocessamento), especialmente da importante pesquisa constituída por Elaine Barbosa pela qual investigou o “Desmatamento do Cerrado”

³ O livro “Universo do Cerrado (2008) publicado em dois volumes, coordenado por Horieste Gomes, traz um conjunto de textos abarcando diferentes temas. No livro se encontram várias teses e várias entradas de análise do Bioma Cerrado.



Essas fitofisionomias escaladas na figura 1 é que definem a biodiversidade total do Bioma dividida em fauna e flora. Cabe compreender que a localização do Cerrado no interior do país, especialmente a do Cerrado goiano, ao colocá-lo na relação com outros Biomas como o Pantanal, a Mata Atlântica e a Planície amazônica, além de ser um fator para a composição da biodiversidade, estipula a quantidade de espécies, a saber:

Tabela 01- Total de Espécies de Plantas e Vertebrados conforme Ocorrência e Endemismo Presentes no Bioma Cerrado – 2004.

Biodiversidade	Ocorrência de espécies	Espécies endêmicas
Plantas	10.000	4.400
Mamíferos	195	14
Aves	605	16
Réptil	225	33
Mamíferos	251	26
Peixes de água doce	800	200
Totais	12.076	4.689

Fonte: Conservação Internacional (2005).

Na reflexão que estamos construindo, a riqueza visível e codificada da biodiversidade juntamente com os denominados componentes abióticos, formam a base físico-territorial do Cerrado. Essa base, investida de cultura – e de intenções socioeconômicas -, demonstra como diferentes atores ou sujeitos, situados no tempo e no espaço, organizados grupo ou socialmente, desenvolvem usos compatíveis com a sua identidade.

Esses usos são praticados por intermédio de estratégias de apropriação de espécies da fauna e da flora. Decorrem dessas estratégias, os saberes dos sujeitos e as intenções para os quais usam. Ora, ao conceber dessa maneira, pode-se dizer que a

trama da apropriação da biodiversidade do Cerrado, além de envolver a cultura como mediação, gerando a culturalização da natureza, define-se um modo de gestão.

A gestão da biodiversidade conduz o sujeito que a usa não apenas como protagonista de uma intervenção, mas como ator que interfere no ser vivente – e na potência de vida desse ser. Sintetiza-se que a leitura da biodiversidade, então, deve ultrapassar a classificação das espécies e o levantamento de sua quantidade distribuída nas fitofisionomias do Cerrado.

RELAÇÃO TERRITÓRIO E BIODIVERSIDADE

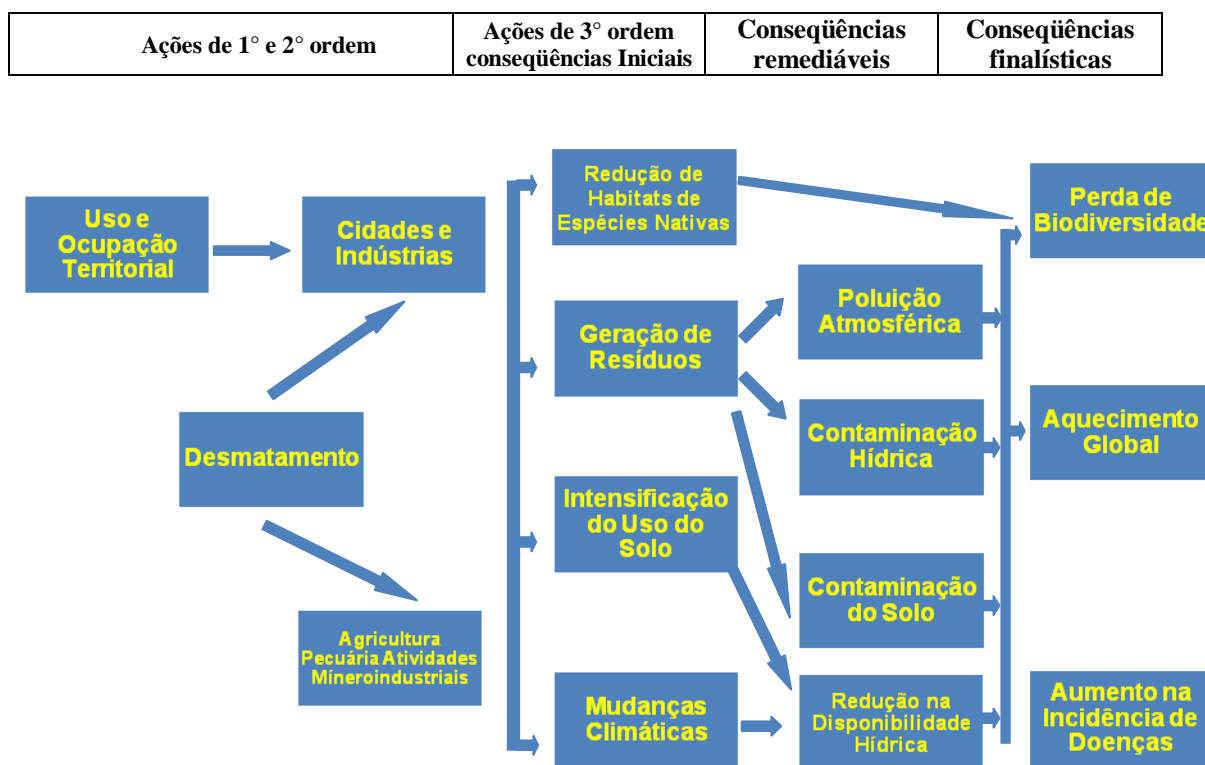


Figura 2: Relação Território e Biodiversidade

Adaptado de: Oliveira-Filho e Medeiros (2008) por Chaveiro 2009.

Tal como está enunciado na figura 2, cabe tomar a biodiversidade como constituinte total da vida, num rol de relações complexas, e verificar os sentidos que os diferentes sujeitos outorgam a ela. São esses sentidos que irradiam as pressões, as

injunções, em muitos casos o extermínio de população, a tirania, o confinamento ou a fragmentação territorial das chamadas populações tradicionais.

No caso específico do Cerrado goiano, alguns componentes físico-territoriais possuem relevância dado às suas características singulares, tais como:

- a potencialidade hídrica, que é considerada como uma de suas maiores riquezas e a sua grande contribuição ao mundo, especialmente por dar guarida a grande parte do aquífero Guarani e dar origem às bacias do Rio São Francisco; do Araguaia-Tocantins e da Bacia Platina;

- os seus solos profundos, geralmente areno-argilosos, que facilitam a percolação da água;

- a condição de seu relevo com formas altimétricas elevadas, o tornando um centro de distribuição e dispersor de água;

- a sua localização centralizada no país, o coloca em contato orgânico-espacial com outros biomas como a Caatinga, o Pantanal, a Planície Amazônica e a Mata Atlântica, o que, segundo alguns estudiosos, faz desenvolver os vários ambientes e contribui para o enriquecimento de sua diversidade biológica.

Esses componentes da sua base físico-territorial requerem que se reflita essa indagação: como esse bioma foi, ao longo do tempo, ocupado, usado, apropriado e transformado? A resposta a essa interrogação coloca em curso o saber e a sua força política; a ação política e a luta pela hegemonia territorial, a relação entre cultura e relações econômicas. Mas essas relações, tal como tem sido preconizado, ocorrem de maneira diferenciada nos lugares de acordo com a sua posição relativa a outras escalas territoriais. E no tempo, em consonância com as forças que dominam e controlam o território.

Silva (2008), ao sintetizar o processo de ocupação do Cerrado, aponta algumas fases que, possuem ecos com o modo que o território nacional ia sendo constituído. Segundo a autora, houve várias frentes, tais como: a ocupação desencadeada pela Mineração – XVIII. A ocupação promovida pelas Ferrovias – Final do Século XIX e começo do século XX; a ocupação comanda pela Marcha para o Oeste – década de 1940 do século XX; a ocupação promovida pela agropecuária moderna, a partir de 1950.



Mas o que mais impactou o Bioma e seus componentes, segundo a mesma autora, foi o que procedeu com a atividade da monocultura. Ela diz que

Dentre os danos ambientais destaca-se a expansão da monocultura, que é considerada como uma prática que tem maior potencial de redução de biodiversidade (Queiroz, 2008). As características topográficas do Cerrado, somadas às referidas políticas governamentais favoreceram a rápida expansão da agricultura, sendo os principais produtos cultivados a soja, o milho, o arroz, o café, o feijão e a mandioca. No entanto, a monocultura de grãos prevaleceu e a soja foi a cultura que teve maior destaque. Estes fatores contribuíram para a rápida conversão da vegetação, resultando na aniquilação do Cerrado nas áreas de expansão da monocultura (SILVA, 2008, p 31).

A atividade da monocultura, suas características técnicas, as intenções para a qual era criada, o uso da logística, a relação entre o Estado e os novos proprietários capitalistas das terras, a utilização do cálculo financeiro, o processo de mecanização, gerou um impacto que, sob a perspectiva economicista e da renda fundiária e territorial, iria definir um novo conteúdo do território do cerrado. É por isso é que a autora argumenta:

A expansão da soja no Cerrado ocorre a partir da década de 1970. Motivado pelo elevado preço dessa *commodity* no mercado exterior, o governo incentivou a expansão da produção com vistas ao melhoramento da balança comercial do país. Como consequência, em um curto período de tempo, o Brasil passa de importador a um dos maiores exportadores mundiais de soja (Ganem et al., 2008; Queiroz, 2008). Esse mesmo curto período de tempo resultou na maior conversão da vegetação do Cerrado (SILVA, 2008, p. 37).

O que é chamado de processo de “conversão da vegetação do Cerrado” só pode ser feito pela ação do desmatamento que, de acordo com a intensidade, provocou extinção de espécies da fauna e da flora, erosões, assoreamentos, perdas de solo, comprometimento no conteúdo hídrico, hidrológico e hidrográfico, mudança de habitats, mudanças climáticas etc.

Explicitando o processo de ocupação, uso, apropriação e transformação do Cerrado, a interpretação territorial da Biodiversidade, por certo, pode ser organizada dessa maneira, de acordo com o que está apresentado na figura 3.

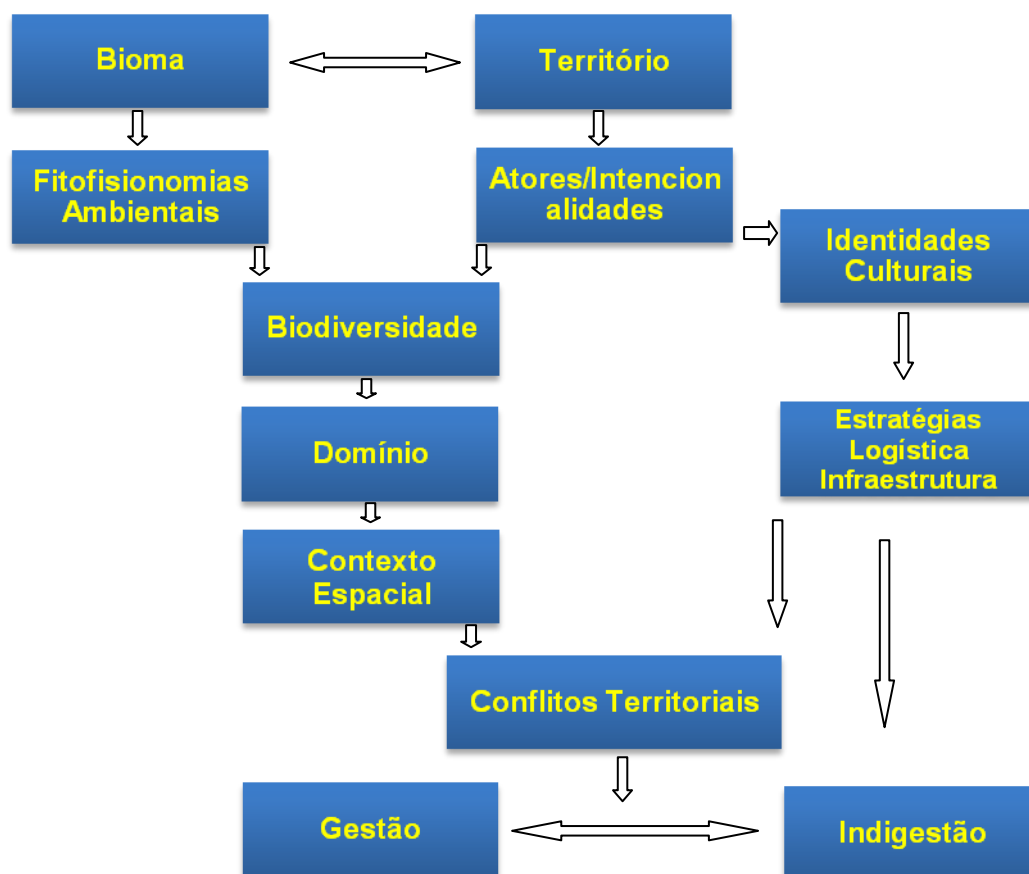


Figura 03- Abordagem territorial do Cerrado.
Elaboração: Eguimar F. Chaveiro; Elizon Nunes

Esse esquema ao ser aplicado no território goiano, sintetiza o modo como se tem desenvolvido o que denominamos “abordagem territorial da biodiversidade”. Esta abordagem prisma pela inseparabilidade entre Bioma e Território. Isto é, leva em consideração a ação econômica procedida no Cerrado nas últimas décadas, fazendo perceber que a sua incorporação e o uso de sua biodiversidade, teve uma finalidade economicista, com garantia científica baseada nos processos biotecnológicos.

Demonstra, também, que deve se conceber a identidade dos atores e suas intenções na maneira com que utilizam a diversidade biológica do Cerrado. É esse uso que vai causar níveis e padrões de impactos ambientais. Percebe-se, também que a importação de técnicas, informações e saberes produzidas pela ciência hegemônica nos países ricos, por sua vez, foi motivada e adotada pelo política do Estado Nacional dos

países pobres, como é o caso do estado brasileiro e de sua relação com o Cerrado que, subordinado aos ditames da economia internacional, tornou-se agente direto e indireto da consecução de um modelo de desenvolvimento includente do Cerrado e excludente de sua biodiversidade.

Esse sentido geopolítico, baseado na desigualdade de força entre as noções do mundo capitalista, teve, na escala nacional, um impacto como diferenciação de regiões divididas entre aquelas que puderam se incorporar no modelo e as que não puderam, tal como as diferenças entre o norte e sul goianos. E, na escala local, a partir da divisão social do trabalho, o desdobramento de uma profunda diferença de classes sociais, uma vez que as populações tradicionais, como as composesas, as quilombolas, as indígenas, sem capacidade de adquirir financiamento para custear o modelo de monocultura e sem ser donas das terras, ficaram sem a rentabilidade econômica instituída pela agricultura moderna capitalista.

Todavia, as populações tradicionais isentas com a sua cultura construída forma dos ditames do modelo hegemônico, com a vida social e econômica dilacerada, acabaram por se tornarem guariãs do Cerrado – e de sua biodiversidade – bem como e da cultura originária de seus sujeitos. Empobrecidos mas resistentes, pressionados mais afeitos ao seus próprios códigos culturais, desenham a sua vida em meio a essa contradição.

Nota-se que uma interpretação territorial da biodiversidade demonstra que a cultura, como ingrediente essencial da produção da existência, não existe sem as relações econômicas; e essas funcionam de acordo com a correlação de força política entre os atores que dominam o território. Mas os saberes e os valores, como tudo que formam o escopo cultural e subjetivo de um povo, não se desvanecem no mesmo tempo e na mesma velocidade que as mudanças econômicas. É a sua capacidade de prevalência e de permanência em meio à processos sociais de mutação que faz ativo, justificado e aberto, o fascínio e a importância da leitura dos diferentes sujeitos do Cerrado e a possibilidade de refazer os modelos sociais e econômicos que constroem os territórios.

A escrita nas águas: o mundo karajá no contexto do Cerrado goiano



O cacique Karajá atual da Aldeia Buridina que compreende uma das três terras remanescentes dos Karajá, situada no município de Aruanã-Go, às margens do rio Araguaia, narrou:

Consta que o nosso povo está aqui desde 500 anos atrás. Mas foi o meu tataravô, Kabtiana, que criou junto com o seu povo, a nossa Aldeia. Dizia ele – Kabtiana – que o nosso povo surgiu do fundo do Rio, por isso a água está no nosso espírito. Mas como a água precisa da terra para produzir alimentos, a terra é também sagrada. Da água se retira os peixes – e da terra, retiramos os frutos, aniamis, penas, raízes. Vivemos na terra mas com proteção das águas. Agora, tomaram as nossas terras e estão acabando com o rio, quer dizer que nós não temos como viver (Entrevista realizada em trabalho de campo, Aruanã-Go, 2008)

A tonalidade crítica do cacique, enucianda em sua narrativa, demonstra uma consciência do presente a partir do mito primitivo da criação do povo – a história de seu povo está escrita nas águas do Araguaia. Esse rio indígena, agora manietado por outros atores que lhe dão sentidos diferenciados do que dava o seu povo, faz a crítica se estender em uma narrativa esmiuçada. Ele diz que:

Plantávamos mandioca e fazíamos beju, farinha; cozinhávamos a mandioca, assavíamos e também fazíamos Kalungui; socávamos o milho no pilão, cozinhávamos batata doce para adocicar; vivíamos também da caça de Catitu usando Borduna, caçávamos Quei chada e pegávamos murici, mangaba, pequi, genipapo, urucum; recolhíamos palha, madeira, pena de passarinho, semente, mas a partir de 1960, inclusive os peixes do rio, começaram a acabar.

Os estudos críticos que debruçaram em analisar as transformações do Cerrado, especialmente os de Barreira (1997), Deus (2004), Arrais (2004) e, especialmente, Mendonça (2004), ao conceberem que o motor das transformações é a modernização da Agricultura e do território, ajudam a compreender que o mesmo processo verificou-se no território dos Karajás. A ação do turismo urbano e a atividade econômica da pecuária são demonstrações do processo. Um membro da Aldeia Buridina relata que:

Hoje a nossa terra é pouca. Tamo vigiado por fazendeiro. Tamo pressionado por turista, pelos clubes. Hoje o rio tem muitos donos, por isso ele não tem peixe mais. Fala que nós fazemo pesca predatória, mas foi ele que acabou com o peixe e tão acabando com o rio, quase não tem tartaruga. Isso tudo é por causa da terra. Os fazendeiro quer a terra para o gado; eles dá mais

importância pro gado que pra gente. Nós ficamo sem sabê o que fazê, então uns vão trabaiá; outros fica perturbado, acuados.

O certo é que a tradição Karajá, baseada na atividade da caça, na pesca e no extrativismo, com a única finalidade da reprodução da vida, hoje está limitada. Mais que um limite de possibilidades de oferta de peixes, tartarugas ou espécies vegetais, há um confinamento sociocultural, isto é, os códigos urbanos do turismo, o modo de vida e de pensar oriundos da vida urbana moderna, adentram o território Karajá, tal como se vê no mapa de localização abaixo.

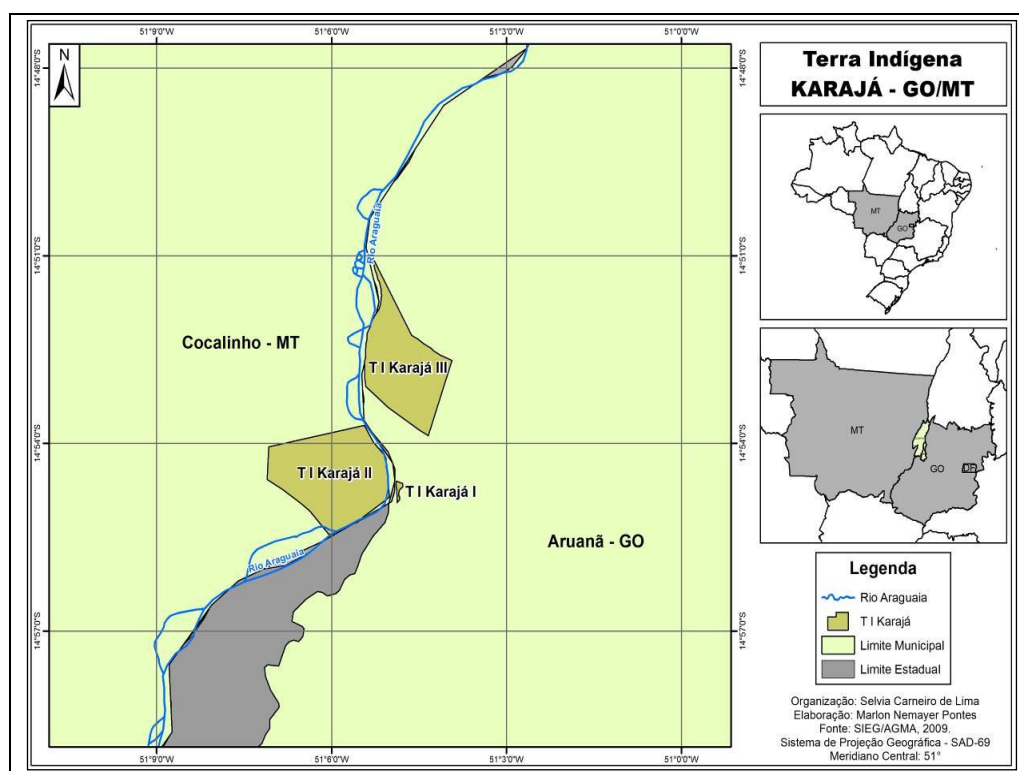


Figura 4: Localização das Terras Indígenas Karajá Aruanã I, II e III – GO/MT.

O início dessa limitação e do confinamento territorial pode ser delimitado com a criação, em 1958, do município de Aruanã e se estendeu a partir de 1970 com a incrementação da pecuária extensiva em todo o noroeste goiano, ressignificando a valor fundiário e a significação das terras do vale do Araguaia.

Por meio de um levantamento de dados e de informações feito em campo, podemos detalhar o impacto do uso da biodiversidade pelos Karajás e atual situação.

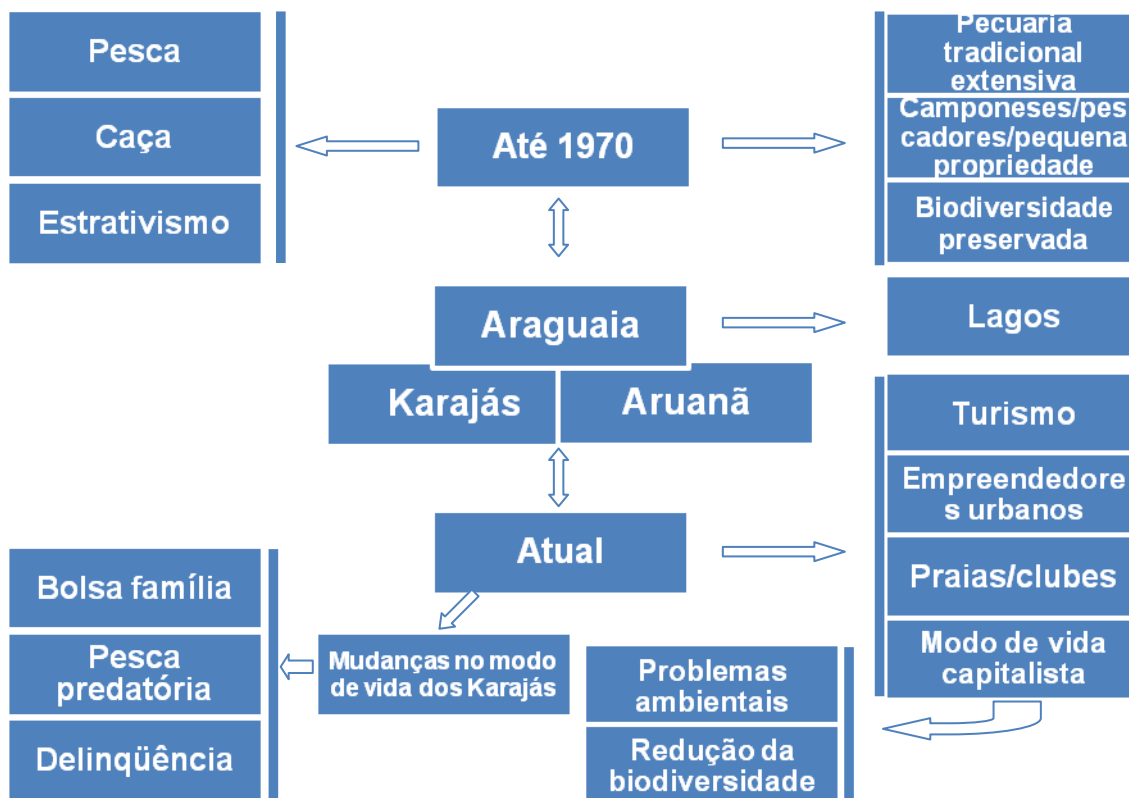


Figura 5:- Esquema dos impactos no uso da biodiversidade pelo povo Karajás.

Elaboração: Eguimar F. Chaveiro; Elizon Nunes

Esse quadro comparativo demonstra que a restrição, a pressão e a fragmentação do território Karajá, impactou a biodiversidade do Cerrado na mesma medida que obrigou os seus sujeitos a transformarem os seus hábitos, costumes e táticas de relações com a natureza. A perda da biodiversidade motivada pela perda do lugar envolveu também a contaminação simbólica do grupo, criando situações de conflitos internas e externas.

A gestão da biodiversidade do Cerrado feito pelos povos Karajá se, de acordo com a sua cultura, tinha as águas e a terra como componentes centrais, e o uso desses componentes centrado apenas na reprodução da vida de seus membros, resultando em relações de pertencimento com o lugar a partir do afeto, com a gestão feita por atores baseados na perspectiva economicista, o desmoronamento de seu lugar transformou o que era timbrado pelo pertencimento por disputa e conflitos. Percebe-se que a redução



da biodiversidade coadunou com o empobrecimento da vida Karajá e com impactos socioambientais do território cerrado.

A indigestão Karajá em meio aos conflitos territoriais do Noroeste goiano

O regime intensivo de apropriação da natureza imputado pelas sociedades tecnocráticas atuais possui um sentido: desenvolver modos de uso que sejam compatíveis com a acumulação vigente. E, por mais que a ação seja vertiginosa e com pendor universal de acordo com os instrumentos hegemônicos, como a técnica, a ciência e a informação, a sua inserção ocorre de maneira desigual no território.

Essas desigualdades podem ser explicadas por vários motivos, como a densidade técnica dos lugares, a sua dinâmica demográfica, a infra-estrutura, a rede viária, a posição, a história local e também os componentes naturais. Com efeito, pode-se concluir que os conflitos territoriais de cada lugar são tecidos por esse cruzamento das particularidades com as esferas globalizadas.

O caso específico dos povos Karajás demanda compreender, como foi enunciado anteriormente, o contexto espacial do noroeste goiano, especialmente posteriormente a década de 1970 quando novas atividades econômicas passaram a dinamizar a região.

Em consonância com a pesquisa realizada, o processo de gestão da biodiversidade do cerrado feito pelos Karajás foi atravessado pelos conflitos territoriais emergentes das contradições do noroeste goiano, a saber:

2. – a ação da atividade bovina gerando desmatamento para a criação de pastagens destinadas a pecuária moderna;
3. – o crescimento do turismo que implica na urbanização do rio alterando o significado do rio e a sua apropriação;
4. – a valorização do solo da planície fluvial a partir da implantação de objetos arquitetônicos destinados a serviços turísticos;



5. – a perda do rio Araguaia como fonte de mudança cultural da tradição indígena, implicando em alterações na alimentação, no trabalho e no lazer;
6. – a fragmentação do território dos Karajás intercalando áreas da Aldeia, praia para turismo, barranco para pescaria, terra para plantio. A multifuncionalidade do território intercede no sentido coletivo da cultura indígena, motivando uma disputa no interior das aldeias;
7. – conflito de geração entre os jovens indígenas e os mais velhos. A geração nova mais afeita à sociabilidade urbana e a geração mais velha lutando para manter as tradições;
8. – embora a língua e o artesanato são os artefatos simbólicos e materiais que mais representam a cultura Karajá, a perda da tradição oral em nome de uma comunicação midiática e urbana, conduz a produção do esquecimento da história e portanto da danificação da identidade.

Essas condições e esses fatos impactam os saberes da tradição Karajá, a sua sociabilidade, o seu sentimento de pertencimento ao rio Araguaia e, ao reduzir a biodiversidade do cerrado, transforma a gestão em indigestão, pois os conflitos territoriais externos são internalizados nas relações entre os sujeitos indígenas entre si.

Considerações finais

Uma imagem. Um jovem Karajá bêbado, vestido de Jeans e de camiseta com letreiro escrito em inglês, vendendo peixe pescado de maneira predatória a um turista de Goiânia que, com a lata de cerveja nas mãos, razoavelmente embriagado, se prepara para um pequeno turno de descanso.

Outra imagem. No centro da Aldeia Buridina, com vagareza e ternura, um Senhor Karajá trança os dedos com incrível habilidade por entre as folhas de piaçabas. Ao seu redor, mães indígenas mais novas, tentam aprender a fazer o Rouri, pequeno cesto de palha que serve para guardar caças ou frutos. E, ao aprender, mantêm viva a

tradição cultural de seu povo, utilizando o que ainda resta da diversidade de espécies do Cerrado no lugar.

As duas imagens são reais e podem servir para uma leitura do modo como os conflitos territoriais do noroeste de Goiás adentram os territórios dos Karajá. Se de um lado, o alcoolismo, a pesca predatória e a sua mercantilização, a ligação com “o homem branco urbano e turista” representam a fragmentação da cultura Karajá, a sua dificuldade em produzir a existência de acordo com os seus preceitos, a internalização dos conflitos no próprio corpo, por outro lado, a vontade que o saber Karajá não se desvaneça, a luta pela manutenção viva da língua, a vontade de criar alternativas econômicas diante de um território explorado por forças externas, mostram que, de fato, não se extingue uma cultura sem que o povo que a construiu e que a domina, estabeleça resistências, recriações, ações nos interstícios da dominação.

Em se tratando da gestão da biodiversidade do Cerrado feita pelos povos Karajá de Aruanã, o nível de conflito tem níveis de escala mais complexos. Vê-se que o Cerrado goiano à medida que participa de uma nova divisão regional do trabalho passa a ter uma nova função: integrar a economia goiana à economia internacional.

Essa integração possui uma processualidade: a ação de atividades econômicas modernas que, com rapidez, com eficiência e com desatino, ao se apropriar de maneira desigual do solo do Cerrado, o transforma num importante território dentro da lógica da rentabilidade econômica.

Ao ser valorizado por essa lógica, o Bioma vai sendo destruído impactando, a uma só vez, a sua biodiversidade e os sujeitos que, conforme a sua cultura, desenvolvem usos das espécies do Cerrado para a reprodução de sua vida e de sua cultura. Sendo assim, esse sujeito se vê alterado a sua substância simbólica na mesma ordem que os ambientes que a permitiam reproduzir.

Não são apenas os lagos da planície do Araguaia que secam, mas são os peixes e as tartarugas que deixam de alimentar os povos Karajás. Não é apenas a mudança na dieta alimentar dos índios do lugar, mas o modo com que relaciona com o mundo e entre si.

O desmatamento das espécies não apenas se transforma em pastagens para o gado bovino que será exportado para os países ricos. Mas a ausência de componentes

naturais, que o desmatamento provoca, alterando o saber tradicional dos povos indígenas que, agora, recorrem ao supermercado para poder alimentar a família.

Desse modo, uma questão se coloca: como os povos Karajá podem gerar a sua sobrevivência em lugares de profundas disputas territoriais?

O cerne da pesquisa apontou alguns caminhos. Primeiramente, as instituições que vêem o Cerrado como lugar da vida ao invés da perspectiva que o vê apenas pela rentabilidade econômica, devem estabelecer junto com setores que pesquisa, um arco de poder que defenda os saberes, as tradições, a biodiversidade e os territórios indígenas.

É preciso atuar no campo da formação, especialmente reforçando o pertencimento indígena nas gerações mais novas. Da mesma maneira, que é necessário fortalecer as práticas econômicas da tradição Karajá como é o caso dos artesanatos visando o subsídio de sua vida.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, M. G. de. RATTS, A. J. P. (Orgs.). *Geografia: Leituras Culturais*. Goiânia: Editora Alternativa, 2003.

_____. (Org.) *Abordagens Geográficas de Goiás: o natural e o social na contemporaneidade*. Goiânia: IESA, 2002.

_____. *Tantos Cerrados*. Goiânia: Vieira, 2005.

_____. Diversidade paisagística e identidades territoriais e Culturais – Brasil Sertanejo In: ALMEIDA, Maria Geralda (Orgs.). *Geografia e Cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares*. Goiânia: Vieira, 2008.

ARRAIS, T. P.A. *Geografia Contemporânea de Goiás*. Goiânia: Vieira, 2004.

APOLINÁRIO, Juciene Ricardo. *Os Akroá e outros povos indígenas nas Fronteiras do Sertão*. Goiânia-GO: Kelps, 2006.

BARTHES, R. *A Aventura Semiológica*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARREIRA, C.C.M.A. *Região da estrada do boi: usos e abusos da natureza*. Goiânia: Editora UFG, 1997.

BARBOSA, Altair Sales. *Andarilhos da Claridade: Os primeiros habitantes do Cerrado*. Goiânia: Ed. UCG, 2002.

CHAVEIRO, Eguimar Felício (Org.). *A Captura do Território Goiano e a sua Múltipla Dimensão Sócio-espacial*. Catalão - Go: Gráfica e Editora Modelo, 2005

_____; PELÀ, Márcia. Cerrado Goiano: um território em disputa. In *Revista Mirante*. v. 1, n° 02, 2007.

_____. A Dinâmica Demográfica do Cerrado: O Território Goiano Apropriado e Cindido. In: GOMES, Horieste (Coord.). *Universo do Cerrado*. Goiânia: Ed. UCG, 2008a. Vol. II.

_____; CALAÇA Manoel; BORGES Mônica C. S. *A dinâmica demográfica de Goiás*. Goiânia: Ellos, 2009.

CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL. **Hotspot Revisitados**. 2005. Disponível em: <<http://www.conservation.org.br/publicacoes/files/HotspotsRevisitados.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2008.

DEUS, J. B. de. As atuais transformações estruturais na economia goiana e os seus desdobramentos nas mudanças socioespaciais. In: ALMEIDA, Maria Geralda de (Org.) *Abordagens geográficas de Goiás: o natural e o social na contemporaneidade*. Goiânia: IESA, 2002.

GLEISER Marcelo. *Micro Macro – reflexões sobre o Homem, o tempo e o Espaço*. São Paulo: Publifolha, 1995.

GOMES, H; TEIXEIRA NETO, A; BARBOSA, A. S. *Geografia: Goiás / Tocantins*. 2.ed. Goiânia: UFG, 2005.

GOMES, Horieste. A Nova Matriz Espacial do Território Goiano. In GOMES, Horieste (Coord.). *Universo do Cerrado*. Goiânia: Ed. UCG, 2008. v. II

GONÇALVES, Carlos Walter P. *A globalização da natureza e a natureza da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

HAESBAERT, R. PORTO-GONÇALVES, C. W. *A nova des-ordem mundial*. São Paulo: UNESP, 2006.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. *A urdidura do capital e do trabalho no capital do Sudoeste goiano*. 2004. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia- UNESP - Presidente Prudente – SP, 2004.

OLIVEIRA-FILHO, Eduardo Cyrino; MEDEIROS, Flavia Natércia da Silva. Ocupação humana e preservação do ambiente: um paradoxo para o desenvolvimento sustentável. In: EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). *Cerrado: desafios e oportunidades para o desenvolvimento sustentável*. Planaltina (DF): Embrapa, 2008.

PELBART, Peter. P. *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000.



PINTON, Florence; Aubertin, CATHÉRINE. Novas Fronteiras e Populações tradicionais: a construção de espaços de direitos. *Revista Eletrônica Ateliê Geográfico*, v. .1, n.2, 2007.

RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993

RIGONATO, Valney Dias. *O Modo de vida das populações Tradicionais e a Interrelação com a paisagem do cerrado da Microrregião da Chapada dos Veadeiros: O distrito da Vila Borba*. 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia - IESA-UFG, 2004

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. *Da totalidade ao Lugar*. São Paulo: Edusp, 2005.

SILVA, Elaine Barbosa. *Taxas de desmatamento anuais no Bioma cerrado: uma análise a partir de dados modis para o período de 2003 a 2007*. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia - Universidade Federal de Goiás, 2008.

WALTER, Bruno Machado Teles; CARVALHO, Arminda M.; RIBEIRO José F. *O Conceito de Savanas e de seu Componente Cerrado*. In: SANO, Sueli. M; ALMEIDA, Semíramis. P; RIBEIRO, José. F. *Cerrado Ecologia e Flora*. Brasília, (DF): Embrapa Cerrados, 2008.

Recebido para publicação em dezembro de 2009

Aprovado para publicação em fevereiro de 2010